

## Mediação Didática e Pedagógica na Perspectiva de Vygotsky no Ensino Escolar

**Márcio Leite de Bessa**

Doutor em Educação – PUC/GO. Mestre em Educação – UCB/DF. Professor de Matemática e Física do Ensino Médio e de Estatística e Metodologia do Ensino da Matemática no Ensino Superior. Assessor Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação – Anápolis/GO.

[marciodebessa@ig.com.br](mailto:marciodebessa@ig.com.br)

---

### Resumo

Neste artigo é tratada a questão da mediação didática e pedagógica de Vygotsky, no processo ensino-aprendizagem, priorizando as práticas e reflexões da Educação Básica. Para tanto, foi feita uma breve análise qualitativa da educação dada aos milhares de estudantes que frequentam a escola pública. Sabe-se que o número de matrículas na educação básica, no Brasil, em 2018, era de 50,9 milhões de estudantes, dos quais 43,3 milhões são estudantes das escolas públicas. Nessas escolas estão matriculados 85,5% dos estudantes do país, enquanto 14,5% frequentam escolas privadas. Um dos fatores que corrobora para a qualidade da educação pública brasileira é a questão da valorização do profissional da educação. Outro fator que contribui sobremaneira é a questão da concepção de ensinar e de aprender desses profissionais, que nem sempre assumem a formação continuada, como uma qualificação contínua. Nesse sentido, Vygotsky trouxe subsídios, tanto para uma reflexão prática, quanto na prática do professor.

**Palavras-chave:** Escola Pública. Concepção. Formação e Atuação Profissional.

*Didactic and Pedagogical Mediation in Vygotsky's Perspective in School Education*

### Abstract

In this article we discuss Vygotsky's didactic and pedagogical mediation in the teaching of school, prioritizing the practices and reflections of Basic Education. For this, it was done a brief qualitative analysis of the quality of public education given to the thousands of students attending it was done. It is known that the number of enrollments in basic education in Brazil in 2018 was 50.9 million students, of which 43.3 million are public school students. At the public school 85.5% of students are enrolled, while 14.5% in private schools. One of the factors that corroborate the

quality of Brazilian public education is the issue of valuing the education professional. Another factor that contributes greatly is the question of the conception of teaching and learning of these professionals, who do not always take continuing education as a continuous qualification. In this sense, Vygotsky will provide subsidies for a practical reflection and in the practice of the teacher.

**Keywords:** Public school. Conception. Training and Professional Activities.

## **Introdução**

O presente artigo corresponde a um breve recorte da tese de doutorado, desenvolvida pelo autor, a respeito do processo de ensino-aprendizagem, especificamente nos anos finais do Ensino Fundamental.

O ponto de partida relevante, para o início das reflexões sobre a construção de conhecimentos, na escola, parece ser o papel e a importância da educação para a vida dos estudantes. Ainda, priorizar a possibilidade de ampliar esses conhecimentos, de ultrapassar os limites do senso comum, de aprendizagem dos conceitos elementares que possibilitarão ao estudante desenvolver capacidades operativas do pensamento abstrato. Isso pressupõe práticas intencionais de intervenção pedagógica, por meio do processo ensino-aprendizagem.

Para tanto, esse recorte foi dividido em três momentos distintos. Primeiramente, tratou-se das concepções e práticas oriundas dos professores da escola pública e suas implicações desafiadoras para o sucesso do estudante, visto que o autor é professor da rede pública de educação. Na sequência, observou-se a questão dos saberes, vivenciados pelos professores e suas práticas efetivadas em sala de aula, tendo como foco principal a questão do ensinar e do aprender. Por último, discutiu-se, brevemente, a questão da mediação pedagógica e didática, tendo como enfoque a teoria de Vygotsky e suas implicações no contexto escolar.

A concepção Teórica Histórico-Cultural, iniciada por Vygotsky (2008; 2008; 2009), mostra que o sistema de ensino não tem conseguido contribuir para a solução de importantes problemas ligados à tarefa social, porque os conteúdos e os métodos de ensino se orientam, predominantemente, para a formação do pensamento empírico, baseado na lógica formal, que, embora importante, acaba sendo insuficiente, pois deixa

de promover o pensamento teórico dos estudantes. A escola deveria ensinar, prioritariamente, visando impulsionar o desenvolvimento cognitivo por meio da formação de conceitos.

### **EDUCAÇÃO PÚBLICA: seu contexto e sua qualidade**

A qualidade da educação que é oferecida aos estudantes, especialmente os da escola pública, é fator motivador de estudos de inúmeros programas de Pós-Graduações de diversos países, especialmente o Brasil. Busca-se entender os fatores que levam à decadência de um ensino público, em prol de um ensino privado. Os fatores da ineficácia do ensino público vão desde a estrutura física das escolas ao profissional, que geralmente é mal remunerado e não teve uma formação adequada para seu exercício profissional.

Muitos saudosistas referem-se às escolas públicas, onde eles estudaram nas décadas de 60 e 70 do século passado, como sendo uma escola de qualidade, que preparava os estudantes para os desafios da sociedade daquele tempo. A escola tinha regra e currículo a cumprir, e cumpria de fato. No entanto, essa referência é um tanto viciada. A escola pública daquele tempo era elitista, visto que poucos conseguiam se matricular e permanecer. O primeiro entrave era o exame de admissão, que aprovava poucos. Aos que não conseguiam a matrícula na escola pública, restava, quando tinham dinheiro, a escola privada. Nesse contexto, tinha-se uma escola pública de qualidade que atendia uma minoria e uma escola privada para os estudantes remanescentes das escolas públicas.

Todavia os indicadores de analfabetismo da época eram alarmantes. Segundo o IBGE<sup>1</sup>, de 1960, a taxa de matrícula na escola básica era de 31% (trinta e um por cento) da população em idade escolar, o que reforça a tese de que a maioria, daqueles que deveriam ser estudantes, não frequentava a escola.

No entanto, nas duas últimas décadas do século XX e na primeira década do século XXI, a escola pública se viu obrigada a universalizar o ensino, principalmente da educação fundamental e média. O número de estudantes cresceu quase que em progressão geométrica. Na escola pública de hoje, massificada e desprestigiada, há

---

<sup>1</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos68/cd\\_1960\\_v1\\_t9\\_mg.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos68/cd_1960_v1_t9_mg.pdf)

pobres, negros, brancos, mulatos, índios, entre outros estudantes que, provavelmente, não estariam matriculados naquele tempo. O grande desafio da escola pública hodierna é garantir educação de qualidade para todos os estudantes, o que efetivamente não tem conseguido. Isso provocou uma inversão da lógica dos anos 60, do século XX, porquanto a escola pública perdeu em qualidade e ganhou em quantidade de estudantes, enquanto a escola privada ganhou em qualidade e perdeu em quantidade.

Sacristán (2007) evidencia que, na maioria das vezes, os pais de estudantes da rede pública não estão preocupados com a qualidade da educação recebida por seus filhos; pois, para eles, ter os filhos matriculados na escola já é suficiente. Muitos pais sequer sabem do contexto do ensino-aprendizagem vivenciado por seus filhos na escola, atribuindo à mesma a obrigação exclusiva de ensinar, já que pagam impostos por isso e é papel do governo oferecer educação. Desse modo, os professores, agentes essenciais no processo educativo, devem fazer o milagre acontecer sozinhos.

O descaso centenário com a educação é uma explicação direta para a desigualdade de renda do país. No entanto, a cada década os problemas se agravam, evoluem e arrastam a nação para um futuro incerto e desordenado. Sabe-se que baixa escolaridade leva à baixa produtividade de mão de obra, aos baixos salários, à favelização, à criminalidade, entre outros problemas. A escola tem como objetivo principal ensinar e, por extensão, o estudante deveria aprender, todavia esse não é o contexto real de boa parte das escolas. Afinal, o que se sabe sobre o ensino e a aprendizagem em contexto escolar?

### **A GRANDE ARTE DE ENSINAR E APRENDER: o que se sabe?**

Um dos grandes desafios dos docentes, na atualidade, é saber de fato se o estudante foi capaz de apreender o conteúdo ensinado. Ministras aulas, de forma eficaz, é uma atividade que precisa ser analisada por alguns fatores: O que é ensinar? O que é aprender? Desses questionamentos surge o fator primordial: como efetivamente ocorre o processo de ensino-aprendizagem? Esses fatores determinam a eficiência, ou não, da mediação didática e pedagógica utilizada.

Muitos docentes, por mais que tenham passado pelo curso superior, feito especialização, mestrado e, até mesmo, doutorado, são incapazes de desenvolver aulas

dinâmicas, envolventes e criativas, que possibilitem o aprendizado significativo, principalmente aos estudantes da educação básica. São apenas profissionais capazes de passar um cabedal de informações, cuja aplicabilidade e função eles próprios, muitas vezes, desconhecem.

De acordo com Vygotsky (2008, p. 104),

A experiência prática mostra também que o ensino direto de conceitos é impossível e infrutífero. Um professor que tenta fazer isso geralmente não obtém qualquer resultado, exceto o verbalismo vazio, uma repetição de palavras pela criança, semelhante à de um papagaio, que simula um conhecimento dos conceitos correspondentes, mas que na realidade oculta um vácuo.

Esse mesmo autor reforça, ainda mais, esse pensamento quando diz,

O ensino direto significa antes de mais extirpar toda dificuldade do pensamento da criança. No entanto, o pedagogicamente correto não é a tendência a aplicar o método direto, mas deixar que a própria criança se oriente em circunstâncias complexas e confusas. Se alguém deseja educar alguma coisa de sólido na criança deve preocupar-se com os obstáculos (VYGOTSKY, 2010, p. 238).

As informações são, sem sombra de dúvida, importantes. O que se precisa fazer é transformar informação em conhecimento, fazendo, desse último, utilidade para a vida. A isso está ligado o sentido de educação, desenvolvido por Libâneo (2010, p. 30), que a considera como o “conjunto de ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais”. Ensinar com qualidade é um dos grandes objetivos da educação atual, sobretudo para aqueles que pretendem ingressar ou já ingressaram nas universidades. Em outras palavras, de acordo com Vygotsky (2007), isso está atrelado a uma aplicação do materialismo histórico e dialético.

Rego (2011, p. 98) sintetiza o materialismo dialético e histórico com as seguintes palavras:

O sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo que absorve e contempla o real nem o portador de verdades oriundas de um plano ideal; pelo contrário, é um sujeito ativo que em sua relação com o

mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói este mundo. O conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem.

Diante disso, Tardif (2012, p. 250) mostra que, “historicamente falando, nos últimos vinte anos, a profissionalização da área educacional se desenvolveu em meio a uma crise geral do profissionalismo e das profissões, inclusive das profissões mais bem assentadas como a medicina, o direito e a engenharia”.

Ensinar é tarefa complexa e, para exercê-la, é preciso que se tenha conhecimento e habilidade para compartilhá-la de maneira positiva, fazendo com que os estudantes possam aprender e mudar sua maneira de se posicionar diante dos desafios cotidianos. Freire (1996) expõe que ser professor é muito mais que uma profissão; é uma missão que exige comprovados saberes no seu processo dinâmico de promoção da autonomia dos estudantes. Libâneo (2010, p. 72) reforça esse pensamento, mostrando os significados da palavra “educar”, que, em latim, refere-se a “*educare* (alimentar, cuidar, criar, referido tanto às plantas, aos animais, como às crianças) e *educere* (tirar para fora de, conduzir para, modificar um estado)”. Essas definições podem ser resumidas do seguinte modo: conduzir de um estado a outro; modificar em certa direção o que é suscetível de educação.

A escola é um local onde as diversas aprendizagens formais acontecem. Todavia, mantém-se outra questão: o que é aprender? Aprender significa adquirir a propriedade sobre conceitos de maneira contextualizada, estabelecendo relações e construindo autonomia de forma a habilitar-se para a busca, a aquisição e o uso de novos conhecimentos ao longo de toda a vida. A escola é um lugar privilegiado, ou deveria ser, para o desenvolvimento, pois é o espaço em que o contato com a cultura é feito de forma sistemática, intencional e planejada. Vygotsky (2007) mostra que o aprendizado, quando adequadamente organizado, resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer.

Nesse contexto, encontra-se um dos grandes equívocos da educação atual. Os estudantes não estudam para um aprendizado ao longo da vida, mas apenas para satisfazerem as exigências do momento e para tirarem notas, sendo, assim, aprovados. Em ano de prova Brasil, instrumento de avaliação em larga escala do governo, os professores fazem verdadeiras batalhas de questões semelhantes às avaliadas, em anos

anteriores, buscando garantir uma boa nota nessa prova. O professor, diante desse contexto, não consegue criar a tão necessária Zona de Desenvolvimento Proximal que, para Vygotsky (2007, p. 164), corresponde à,

[...] distância entre o nível real de desenvolvimento determinado pela resolução de problemas independentemente e o nível de desenvolvimento potencial determinado pela resolução de problemas, sob a orientação de adultos ou em colaboração com companheiros mais capacitados.

A Zona de Desenvolvimento Proximal define a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver um problema sem ajuda, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através de resolução de um problema, sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outro companheiro mais experiente. Falando de outra maneira, é a série de informações que a pessoa tem a potencialidade de aprender, mas ainda não completou o processo, são conhecimentos fora de seu alcance atual, mas potencialmente atingíveis.

A escola é uma das responsáveis por essa cultura. As avaliações e os trabalhos acadêmicos nem sempre são eficazes, para levar o estudante a apreender de fato. Elas funcionam como instrumento de poder, dentro do contexto da sala de aula. Desse modo, o aprender fica relegado a segundo plano. No entanto, quando os estudantes são submetidos a exames, a fim de medirem rendimento conteudista, não são capazes de demonstrar quase nada, apresentando, no máximo, conhecimentos elementares. Os últimos resultados do SAEB<sup>2</sup>, especificamente do ENEM<sup>3</sup>, reforçam esse pensamento. À vista disso, a escola parece não estar cumprindo seu papel, determinado pela LDB 9394/96<sup>4</sup> (BRASIL, 1996), de tríplice natureza: “o pleno desenvolvimento do educando, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o mercado de trabalho”, conforme salienta Carneiro (2012, p. 33).

Libâneo (2005, p. 21) reforça esse pensamento quando diz,,

As escolas e as salas de aula têm contribuído pouco para a superação dessas contradições, especialmente estão falhando em sua missão primordial de promover o desenvolvimento cognitivo dos alunos,

---

<sup>2</sup> SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica.

<sup>3</sup> ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio. Substituto dos vestibulares tradicionais na maioria das universidades brasileiras.

<sup>4</sup> Lei das Diretrizes e Bases da Educação, aprovada em 20 de dezembro de 1996.

correndo o risco de terem que assumir o ônus de estarem ampliando a exclusão com medidas aparentemente bem intencionadas como a eliminação da organização curricular em séries, a promoção automática, a integração de alunos portadores de necessidades especiais, a flexibilização da avaliação escolar, a transformação da escola em mero espaço de vivência de experiências socioculturais.

Os dados estatísticos mostram que os resultados da educação brasileira, especificamente a pública, não têm proporcionado grandes avanços cognitivos a uma parcela significativa das crianças, em idade escolar. Muitos professores, para não falar a maioria, criticam algumas práticas que corroboram com esses resultados; entre outros, a promoção automática e a inclusão talvez sejam os fatores mais inquietantes para os profissionais da educação.

De um lado está a promoção automática que cria nos estudantes uma expectativa de que “serei aprovado” e, para isso, não é preciso envolvimento acadêmico com as atividades escolares. Para muitos, a indisciplina e o pouco rendimento dos estudantes têm sua justificativa nessa prática. De outro, a questão da inclusão. A inclusão apresenta-se como sendo outro grande desafio da escola. Os professores se sentem despreparados e perdidos diante de tanta diversidade em sala de aula. A inclusão acaba sendo uma inclusão apenas no papel, pois o que se observa, de fato, é a exclusão no interior da escola.

### **MEDIAÇÃO DIDÁTICA E PEDAGÓGICA: contribuições da teoria de Vygotsky para o ensino escolar**

É consenso, no meio educacional, a existência de uma crise no modelo de educação brasileiro. Repetir essa crítica não levará à solução, se é que tem solução; pelo menos, na concepção de ensino e aprendizagem desenvolvida nas escolas brasileiras, atualmente. Sabe-se que o estudante está terminando a educação básica não dominando os conteúdos, supostamente aprendidos. Essa regra vale para todas as disciplinas, conforme experiência do pesquisador, atuando como professor de Matemática e Física, por mais de 20 anos, na educação básica em escolas públicas.

Desenvolver um trabalho científico das implicações psicopedagógicas da não aprendizagem de todas as disciplinas seria uma grande audácia e não se conseguiria, acertadamente, oportunizar grandes contribuições para a pesquisa acadêmica.

O ensino escolar é de suma importância, visto que é por meio da escola que se pode detectar o desenvolvimento potencial e a zona de desenvolvimento proximal. Portanto, torna-se relevante o papel do docente, pois grande parte da mediação da aprendizagem do estudante cabe ao docente buscar meios de promover. É por meio da mediação (presença do outro) que o sujeito internaliza conceitos externos, em um processo de formação das funções psíquicas superiores. A expressão “mediação pedagógica” está diretamente relacionada ao procedimento utilizado na relação professor-estudante, na busca da aprendizagem, a partir das reflexões críticas das experiências e do processo de trabalho desenvolvido pelos agentes produtores de conhecimento. Pode-se dizer, dessa forma, que é o processo que caracteriza a relação do homem com o mundo e com outros homens. Assim temos I: instrumentos; S: sujeito e O: objeto.

Para Vygotsky (2007) a mediação é vista como central em sua teoria, pois é nesse processo que as Funções Psicológicas Superiores (FPS) - tipicamente humanas - se desenvolvem.

Oliveira (1992, p. 26) mostra que,

A ideia central para a compreensão das concepções de Vygotsky sobre o desenvolvimento humano como processo sócio-histórico é a ideia de mediação. Enquanto sujeito do conhecimento o homem não tem acesso direto aos objetos, mas um acesso mediado, isto é, feito através dos recortes do real operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe.

Dito isso, de outra forma, o ser humano constitui-se, enquanto tal, na sua relação com o outro social. A natureza torna-se parte da natureza humana em um processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do ser humano. Leontiev (2005, p. 40) reforça esse pensamento, quando diz que “a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não naturais, mas formadas historicamente”. É um processo que se dá de fora para dentro, e de dentro para fora, incluindo sempre as relações entre pessoas em um processo dialético. Essa relação do indivíduo com o outro é sempre mediada pelo outro.

Segundo Vygotsky (2008), o papel do agente externo é de suma importância, pois sem a intervenção do outro não há desenvolvimento. Para ele, aprendizagem e

desenvolvimento estão inter-relacionados e a aprendizagem antecede o desenvolvimento, ou melhor, o objetivo da aprendizagem é prover o desenvolvimento potencial e interferir na zona de desenvolvimento proximal - ZDP, promovendo o desenvolvimento potencial do sujeito.

A Zona de Desenvolvimento Proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, em vez de “frutos” do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente (VYGOTSKY, 2007, p. 98).

A teoria vygotskyana ocupou-se da explicação do modo como se formam e se desenvolvem as funções mentais do ser humano, dando relevância ao papel das relações sociais e das mediações culturais. Portanto, deve ser dada atenção especial ao modo pelo qual o ensino se efetiva, para que promova uma aprendizagem que resulte na mudança da qualidade do pensamento dos alunos. Reforçando esse pensamento, Vygotsky (2009, p. 334) mostra que a “aprendizagem e o desenvolvimento não coincidem imediatamente, mas são dois processos que estão em complexas inter-relações. A aprendizagem só é boa quando está á frente do desenvolvimento”.

No entanto Scuiniani Rosa (2009, p. 805) nos mostra que:

A matemática ensinada nas escolas se tornou mecânica e repetitiva, gerando assim uma aversão à mesma. Continuamos ensinando conteúdos que jamais serão utilizados, a não ser em sala de aula mesmo. Porque nos perguntamos até hoje se deveríamos deixar o uso da calculadora em sala de aula, enquanto a maioria das escolas brasileiras já possui computadores. Assim estaremos traduzindo nosso ensinamento a um mero treinamento de repetição e memorização, criando como resultados a inquietação e a rebeldia frente aos cálculos matemáticos, e sua consequência pode ser o fracasso escolar, seguido da reprovação e até mesmo do abandono dos alunos da escola.

Nesse contexto, observa-se que a mediação pedagógica utilizada pelos professores, especialmente, os de matemática, não passa de ações reprodutoras de um conhecimento pronto e acabado; no qual, o estudante é apenas um repetidor de fórmulas. Moysés (2010, p. 34) salienta que, nas investigações de Vygotsky e de seus colaboradores,

“aquilo que uma criança não é capaz de fazer sozinha poderá desempenhá-lo com a ajuda de um adulto (ou de alguém mais adiantado que ela). Perguntas-guia, exemplos e demonstrações constituem o cerne dessa ajuda”. É bom notar que a aprendizagem, mediante demonstrações, pressupõe imitação; no entanto, no contexto da educação vygotskyana, pressupõe uma experimentação construtiva, um modelo dado socialmente, não no sentido de copiá-lo. Assim, a mediação pedagógica utilizada pelo ser mais experiente deverá existir, de tal forma, que não leve a uma reprodução inconsciente do conteúdo.

Outro aspecto relevante é que Vygotsky tem, como um de seus pressupostos básicos, a ideia de que o ser humano constitui-se, enquanto tal, na sua relação com o outro social. Castorina (1998, p.24) mostra que, na teoria vygotskyana, “a cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo molda o funcionamento psicológico do homem”. O ser humano se desenvolve em interação com um indivíduo mais capaz.

A apropriação do conhecimento se dá em interação mediada por várias relações, ou seja, o conhecimento não está sendo visto como uma ação do sujeito sobre a realidade, mas sim, pela mediação feita por outros sujeitos. Assim, uma boa didática, na perspectiva da mediação, para Libâneo (2011, p. 88), “é aquela que promove e amplia o desenvolvimento das capacidades intelectuais dos alunos por meio dos conteúdos”.

Ser professor, nessas perspectivas mostradas, não é simplesmente reproduzir um conhecimento pronto e acabado. Exigem-se inúmeros saberes do professor. O aluno não pode ser um mero copiador de fórmulas prontas e acabadas e o professor, tampouco, um reproduzidor das atividades do livro didático. Ser mediador do conhecimento é saber lidar com um sujeito histórico, ativo e crítico.

### **Considerações finais**

“Ninguém é uma ilha”. Para crescer, desenvolver e ampliar seus conhecimentos, o ser humano precisa dos outros. A linguagem é a mais importante ferramenta que o ser humano dispõe. Como ser histórico, a cultura se integra ao homem pela atividade cerebral de estimulação e pela interação entre os seres, mediada pela linguagem.

Buscou-se trabalhar quatro conceitos-chave vygotskyanos: Interação, Mediação, Internalização e Zona de Desenvolvimento Proximal, principais meios que o professor pode usar para potencializar a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes.

Para melhorar o nível de aprendizagem, mais que agir sobre o meio, é preciso interagir. Todo sujeito adquire seus conhecimentos, a partir das relações interpessoais de troca com o meio, daí a importância do processo interativo.

Enquanto sujeito do conhecimento, o ser humano não tem acesso direto aos objetos, mas acesso mediado, através de recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe; portanto, enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações. Dessa forma, por meio dos elementos mediadores, os instrumentos e signos são internalizados, visto que *aprendizado e desenvolvimento é um Processo Sócio-Histórico*. Desse modo, o professor não deve fazer as atividades pela, nem para a criança, mas com ela, atuando como parceiro mais experiente, não querendo ocupar o lugar da criança.

A Internalização, como processo histórico-cultural tem como inspiração o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, em cujo cerne está a existência de um processo de reconstituição no nível individual, de funções originárias no nível social. E o papel do professor é o de dirigir o trabalho educativo, para estágios de desenvolvimento ainda não alcançados pela criança.

Assim, o maior desafio educacional é proporcionar uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano, afetiva, moral e cognitiva. Para isso, são necessários professores que façam essa integração, em si mesmas, do sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico. No entanto, até agora, a realidade mostra poucas pessoas que estejam prontas para a educação com qualidade.

Educação de qualidade é muito cara, e nem sempre o país está disposto a investimento tão alto, principalmente quando se preferem expor dados estatísticos de aprovação em massa, demonstrando uma suposta “qualidade” que está atrelada à matrícula e promoção. Mesmo que se encontre uma larga aplicabilidade das teorias vygotskyanas, as escolas brasileiras ainda estão muito distantes de uma educação que consiga aplicar essas bases teóricas de fato; pois, nessa concepção, o bom ensino seria aquele que garante a aprendizagem e impulsiona o desenvolvimento.

## Referências

- RNEIRO, Moacir Alves. **LDB fácil- leitura crítico-compreensiva artigo a artigo**. 17. ed. Atualizada e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- CASTORINA, José Antônio et al. **Piaget Vygotsky: Novas Contribuições para o Debate**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 12 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- \_\_\_\_\_. As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na educação. In: LIBÂNEO, José Carlos. SANTOS, A. (Orgs) **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas - SP: Alínea, 2005, p. 19 - 62.
- \_\_\_\_\_. Didática e trabalho docente: A mediação didática do professor nas aulas. In: LIBÂNEO, José Carlos. SUANNO, Marilza Vanessa Rosa e LIMONTA, Sandra Valéria (Orgs) **Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança**. Goiânia: CEPED/PUC-GO, 2011, p. 85 - 100.
- MOYSÉS, Lúcia. **Aplicações de Vygotsky à Educação Matemática**. 10 ed. Campinas - SP: Papyrus, 2010.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky e o processo de formação de conceitos. LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão**. São Paulo: Summus, 1992. P. 23 - 34.
- REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma Perspectiva Histórico-Cultural da educação**. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- SACRISTÁN, José Gimeno. **A Educação que ainda é possível: Ensaio sobre uma cultura para a educação**. Trad. Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2007. 198 p.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia Pedagógica**. Trad. Paulo Bezerra. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem.** Trad. Jefferson Luiz Camargo. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Trad. José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

**Submissão: Ago. 2018**

**Aprovado: Dez. 2018**